

Um Americano *na* Metrópole Latino-americana

Richard Morse e a Formação de São Paulo

ANA CLAUDIA VEIGA DE CASTRO



edusp

UM AMERICANO NA METRÓPOLE LATINO-AMERICANA



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

<i>Reitor</i>	Vahan Agopyan
<i>Vice-reitor</i>	Antonio Carlos Hernandez



EDITORA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

<i>Diretor-presidente</i>	Carlos Roberto Ferreira Brandão
---------------------------	---------------------------------

COMISSÃO EDITORIAL

<i>Presidente</i>	Rubens Ricupero
<i>Vice-presidente</i>	Valeria De Marco
	Carlos Alberto Ferreira Martins
	Clodoaldo Grotta Ragazzo
	Maria Angela Faggin Pereira Leite
	Ricardo Pinto da Rocha
	Tânia Tomé Martins de Castro
<i>Suplentes</i>	Marta Maria Geraldês Teixeira
	Primavera Borelli Garcia
	Sandra Reimão

<i>Editora-assistente</i>	Carla Fernanda Fontana
<i>Chefe Div. Editorial</i>	Cristiane Silvestrin

Um Americano *na* Metrópole Latino-americana

Richard Morse e a Formação de São Paulo

ANA CLAUDIA VEIGA DE CASTRO

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Castro, Ana Claudia Veiga de

Um Americano na Metrópole Latino-americana: Richard Morse e a Formação de São Paulo
/ Ana Claudia Veiga de Castro. – 1. ed. – São Paulo: Edusp, 2021.

Bibliografia

ISBN 978-65-5785-014-5

1. Brasil – Civilização. 2. Brasil – História. 3. Historiografia. 4. Morse, Richard M. (Richard McGee), 1922-2001. 5. São Paulo (Estado) – História. 1. Título.

21-55893

CDD-981.61

Índices para catálogo sistemático:

1. São Paulo: Estado: Formação: História 981.61

Maria Alice Ferreira – Bibliotecária – CRB-8/7964

Direitos reservados à

Edusp – Editora da Universidade de São Paulo
Rua da Praça do Relógio, 109-A, Cidade Universitária
05508-050 – São Paulo – SP – Brasil
Divisão Comercial: tel. (11) 3091-4008 / 3091-4150
www.edusp.com.br – e-mail: edusp@usp.br

Printed in Brazil 2021

Foi feito o depósito legal

Aos três pequenos (hoje nem tanto): Gabriel, Sofia, Marina.

Sumário

Agradecimentos	9
Prefácio – De São Paulo à Cultura Urbana Latino-americana: A Viagem Intelectual de Richard Morse – <i>Adrián Gorelik</i>	11
Introdução	21
I. DA EMPRESA BANDEIRANTE À CIDADE INDUSTRIAL:	
UMA HISTÓRIA URBANA	47
Cidade como Vida Intelectual	52
A Formação de um <i>Éthos</i> Colonial Paulista	64
Fases e Matrizes de uma História Urbana	86
2. DA AMÉRICA A SÃO PAULO: UMA HISTÓRIA CULTURAL	139
São Paulo, a Guerra e o Sentido do Continente Americano	147
A Literatura no Horizonte	162
Latino-americanismo <i>Sui Generis</i> em Nova York	171
Do Romantismo ao Modernismo, a Cidade se Moderniza	192

3. DA COMUNIDADE À METRÓPOLE: UM DEBATE NA AMÉRICA	
LATINA	243
Uma Teoria, Alguns <i>Insights</i> e Muita Pesquisa	250
A Crítica Urbana na História da Cidade	274
A Comunidade Torna-se MetrÓpole	283
Uma MetrÓpole Latino-americana.	309
Comentários Finais.	347
Créditos das Imagens	359
Fontes e Bibliografia.	363
Fontes	363
Referências Bibliográficas	377

Agradecimentos

Originado de uma tese defendida na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, este livro deve muito aos meus dois orientadores, amigos e mestres, Ana Lanna e Adrián Gorelik, a quem agradeço por toda confiança, carinho e incentivo, naquele momento e ainda hoje. Também aos membros das bancas de qualificação e de defesa, Fernanda Peixoto, Paulo Garcez, Maria Alice Resende de Carvalho e Sarah Feldman, pelas leituras atentas e rigorosas, pelos comentários que certamente contribuíram para a consolidação das ideias aqui expostas. Um agradecimento especial a Carlos Martins, pelo empenho e confiança. E a Antonio Candido (*in memoriam*), o privilégio da conversa. Aos amigos queridos, à família, e a todos que, direta e indiretamente, leram, palpitararam, ajudaram com indicações bibliográficas, correções de rota, discussões, apoio afetivo, psicológico, festivo e tudo mais, acompanhando essa história (e seus desdobramentos) todos esses anos, de perto e de longe: Alejandro de Castro, Ana Stela Álvares Cruz, Andrea Zanin, André Mota, Arcadio Díaz-Quñones, Beatriz Domingues, Caio Santo Amore, Carlos Guilherme Mota, Claudio Diaféria, Clara Irázabal, Cristiane Checchia, Dain Borges, Flávia Brito, Fernanda Peixoto, Fernanda Pitta, Fernando Atique, Fernando Novais, Gabriel Veiga de Castro, Guillermo Jajamovitch, Heloisa Pontes,

José Lira, Joana Barros, Joana Mello, Jorge Grespan, José Veiga de Castro, Laura Sokolowicz, Leandro Saraiva, Lena Império, Luciana Veit, Mila Leite, Marcio Sattin, Marcos Reis, Maria Pia Qec, Marina Veiga de Castro, Marianna Boghosian, Mari Pereira, Matthew Shirts, Nilce Aravecchia-Botas, Ori Preuss, Pedro Beresin, Raquel Imanishi, Raimundo Pereira, Renato Cymbalista, Renato Sztutman, Rita Pop, Rosa Artigas, Silvana Rubino, Sizue Imanishi (que nos deixou em 2020), Sofia Veiga de Castro, Tânia Caliri, Thiago Mendes, Thiago Nicodemo, Thiago Reis, Yuri Quevedo, Zeca Meira da Rocha e Yvonne Veiga de Castro (que também já não está mais aqui para ver este livro).

PREFÁCIO

De São Paulo à Cultura Urbana Latino-americana: A Viagem Intelectual de Richard Morse

Adrián Gorelik

A amplitude, profundidade e paixão com que Richard Morse escreveu sobre a cultura urbana latino-americana, fazendo incursões muito perspicazes em várias cidades da região, tornam difícil reduzi-lo à figura do brasilianista, ao mesmo tempo que é necessário lembrar – e calibrar adequadamente – a relação indubitavelmente privilegiada que ele teve com o Brasil. Uma relação que remonta a uma espécie de cena primária, na qual um jovem de 25 anos elege São Paulo para realizar sua tese de doutorado e, com essa escolha, entra no mundo do latino-americanismo norte-americano rompendo simultaneamente com duas de suas práticas mais arraigadas. Decide estudar uma cidade mais que moderna, “desvairada”, quando o interesse da academia norte-americana pelo subcontinente ainda era circunscrito ao mundo rural, ao estudo de ricas zonas arqueológicas ou, em todo caso, à história colonial. E se entrega sem reservas à vida cultural daquela cidade, quando o habitual – e isso segue sendo a norma – seria manter com o “objeto de estudo” uma relação distante, viajando apenas para buscar documentos, tomando os intelectuais locais como fontes de informação mais do que interlocutores, como informantes nativos mais do que pares intelectuais. Morse fixou-se em São Paulo por cerca de um ano, entre 1947 e 1948, e essa experiência o marcaria para sempre: mergulhou na intensa cena cul-

tural da cidade, frequentando tanto o círculo de artistas modernistas — ao qual foi introduzido por Nonê, filho de Oswald de Andrade —, quanto se aproximando de acadêmicos locais, entre eles, Sergio Buarque de Holanda e dois jovens que começavam a protagonizar novas correntes intelectuais no campo das ciências sociais e da crítica literária, Florestan Fernandes e Antonio Candido, apenas dois e quatro anos mais velhos que Morse (ninguém ainda havia chegado aos trinta). E especialmente com Candido, Morse estabeleceu uma relação de cumplicidade intelectual que perdurou ao longo de suas vidas.

Talvez essa relação privilegiada seja o que explique, em sentido inverso, a excepcional receptividade que o trabalho de Morse encontrou entre brasileiros. Uma lembrança não exaustiva deve começar pela intensa polêmica que despertou a publicação em português de seu livro mais célebre, *O Espelho de Próspero*, em 1988, com intervenções de Simon Schwartzman, José Guilherme Merquior, Luiz Werneck Vianna, entre outros. É importante notar que a publicação desse livro em castelhano, seis anos antes que a brasileira (nunca houve uma edição em inglês), recebeu apenas algumas resenhas. Em nenhum outro país houve semelhante polêmica, o que confirma a particular atenção, a favor e contra, que foi dada a seus argumentos no Brasil. Deve-se lembrar, um pouco mais tarde, das homenagens que lhe foram feitas em 1992, ao completar setenta anos, das quais guardo ao menos dois registros que sempre volto para pensar sua figura: um livrinho afetuosos, *Um Americano Intranquilo*, com textos de Antonio Candido, Carlos Guilherme Motta, Francisco Falcon, Haroldo de Campos, José Murilo de Carvalho, Roberto Da Matta e Wanderley Guilherme dos Santos, organizados por Helena Bomeny, que em 1989 havia publicado na revista *Estudos Históricos* uma longa e saborosa entrevista feita com Morse em Washington; e a penetrante análise de Maria Alice Rezende de Carvalho em “Morse e o Mar”, publicada em seu livro *Quatro Vezes Cidade* (de 1994). Mais tarde ainda, novas abordagens à sua obra foram feitas após sua morte em 2001, entre as quais se destaca o livro coletivo organizado por Beatriz H. Duminigues e Peter L. Blasenheim, *O Código Morse* (de 2010), com textos dos próprios organizadores, de Candido e de Bomeny, de José Carlos Sebe Bom Meihy (que havia realizado outra importante entrevista em 1989, publicada

em seu *A Colônia Brazilianista*), de Walnice Nogueira Galvão, Pedro Meira Monteiro, Rubem Barboza Filho e Sonia Cristina Lino, além dos latino-americanistas Leslie Bethell e Jeffrey Needell, entre outros.

Listei com algum detalhe os nomes envolvidos nessas leituras e releituras de Morse no Brasil (e me desculpo por todos aqueles que seguramente estou me esquecendo), porque creio que o simples inventário dos interessados em sua obra oferece um quadro objetivo tanto da envergadura intelectual de sua recepção, como de sua reatualização geracional. Mas sobretudo porque esse quadro permite apreciar melhor a contribuição que Ana Castro apresenta com este livro e os diversos planos em que sua grande originalidade se radica. O primeiro desses planos é o mais óbvio: este é o primeiro estudo em profundidade sobre o livro que Morse dedicou a São Paulo. Um livro que, como nos mostra a autora, tornou-se muito rapidamente uma referência incontornável, mas que nesse mesmo processo foi se *naturalizando*, como ocorre a alguns livros que se convertem em uma espécie de fonte objetiva à qual se pode apelar desde as mais diversas posições, sem que ela mesma mereça ser discutida, apagando seus procedimentos, seus pressupostos, seu ponto de vista. Isso poderia ser visto, sem dúvida, como um triunfo da obra: a aceitação plena de seus achados. Mas conhecendo-se Morse, também deveria ser visto como um fracasso. Pois aquilo que Morse se empenhou em não fazer nem com a literatura sobre São Paulo nem com seus autores – convertê-los em documentos –, dedicando-se a discriminar, intercambiar posições e contra-argumentar com seus postulados tanto historiográficos quanto teóricos, parece não ter ocorrido nunca com seu livro. E o mais estranho é que se trata de um livro que é qualquer coisa, menos convencional.

Ana Castro nos oferece uma das chaves historiográficas principais para entender este livro de Morse, o fato de que se trata, na verdade, de vários livros em um. Ou ao menos três: o publicado em 1954 em português, como parte das comemorações do quarto centenário da cidade (*De Comunidade a Metrópole: Uma Biografia de São Paulo*); o publicado em 1958 em inglês (*From Community to Metropolis: A Biography of São Paulo, Brazil*); e o que se publicou em 1970 novamente em português (*Formação Histórica de São Paulo: De Comunidade a Metrópole*). Utilizando recursos provenientes da

história do livro, da história intelectual e da sociologia dos intelectuais, a autora nos leva a seguir, nas metamorfoses do livro, a produtiva relação que uniu o historiador norte-americano ao mutável meio paulista ao longo de quinze anos chave (para ambos); ajudando-nos a captar o significado profundo de Morse ter ingressado na cultura urbana latino-americana através da peculiar porta que lhe ofereceu a cultura urbana brasileira, pois aqueles quinze anos são também os anos nos quais Morse realizou o principal de sua obra como historiador urbano.

É muito significativo, nesse sentido, a mudança do título do livro na segunda edição em português: com *Formação Histórica* Morse parece mostrar a vontade de filiar sua empreitada de conhecimento no “sentido da formação”, a que Paulo Arantes indicou como uma corrente principal na tradição de interpretação nacional brasileira, e que, como se sabe, tem Antonio Candido como protagonista. Ana Castro mostra o papel de Fernando Henrique Cardoso, diretor da coleção “Corpo e Alma do Brasil” na qual essa nova edição foi incluída, nessa mudança de título, o que não a impede de ver que no novo título Morse encontrava também a melhor ancoragem para sua ambição historiográfica, presente na parte do título que nunca mudou: entender a peculiar passagem da cidade “de comunidade a metrópole”, as razões pelas quais São Paulo pôde chegar a ser a segunda sem perder totalmente as características da primeira. Quer dizer, em seu primeiro trabalho de investigação, desde o instante que cunhou a fórmula “de comunidade a metrópole”, Morse já buscava comprovar a existência de diferentes vias para a modernidade, refutando a generalizada convicção das primeiras teorias do desenvolvimento de que a via anglo-americana fosse a “via única”, um tema que futuramente iria configurar o eixo central de todo seu trabalho: a hipótese dos “dois Ocidentes”.

Não foi só uma mudança de título o que se passou em 1970. Nessa segunda edição, Morse formulou alguns acréscimos fundamentais, entre os quais uma longa conclusão que colocava o livro em dia com o enorme desenvolvimento ocorrido na sociologia paulista naqueles anos, que ele discute e concorda barrocamente, com a convicção de que se tratava do núcleo de interlocução de maior peso em sua busca de construir uma perspectiva de compreensão da cidade latino-americana. E aqui convém insistir

em algo que já mencionei de passagem: entre a primeira e a segunda edição em português, Morse havia deixado de ser um jovem e ambicioso doutorando para converter-se em uma referência fundamental da história urbana latino-americana, mudança que, obviamente, deixa marcas interessantíssimas em sua obra.

Mas não vou me alongar sobre elas, muito bem analisadas por Ana Castro, mas sim sobre o segundo traço de originalidade que seu livro recorta de tudo o que foi escrito sobre Morse. Não é exagerado dizer que a notável recepção de sua obra no Brasil esteve restrita a seus escritos de história intelectual, uma produção sem dúvida importante, mas na qual ele se concentra nos últimos anos de sua vida, publicando em 1982 *El Espejo de Próspero* e reunindo uma dezena de textos dispersos sobre cultura e ideologia nas Américas em *New World Soundings*, de 1989, traduzido no Brasil em 1990 com o título de um capítulo-fábula desopilante, sua “brincadeira” sobre o brasilianismo norte-americano: *A Volta de McLuhanaíma*. Se compararmos essa produção com sua extensa produção sobre a história urbana latino-americana, campo no qual sem dúvida ele marcou um antes e um depois, verifica-se a enormidade da ausência. Mas ao tratá-lo não só como um historiador, e sim como um intelectual – algo que ele mesmo seguramente teria preferido –, é evidente que é no tema urbano que o capítulo mais relevante de sua vida se desenvolve. Porque ao longo de mais de vinte anos, Morse colocou toda sua dedicação na construção do campo dos estudos urbanos latino-americanos, assumindo todos os papéis que uma tarefa dessa natureza demanda: o de comentarista crítico, o de organizador de fontes e de estados da arte, e protagonista em iniciativas e instituições fundamentais (desde os simpósios sobre “O Processo de Urbanização das Américas desde suas Origens até nossos Dias”, em colaboração com Jorge Enrique Hardoy e Richard Schaedel, até a Comissão de Desenvolvimento Urbano e Regional da Clacso, passando por seu papel de assessor na Fundação Ford – que o levaria a instalar-se no Rio de Janeiro nos anos 1970 – a segunda grande experiência brasileira de Morse). Entre meados dos anos 1950 e meados dos 1970 Morse foi, portanto, uma figura incontornável do que poderíamos chamar de “momento clássico” do pensamento urbano latino-americano, tensionado pela pulsão planificadora. E talvez o

mais interessante — ou o que melhor o define —, é que soube fazê-lo sendo sempre uma espécie de incômodo companheiro de rota, exercendo o papel de humanista entre tecnocratas ou o de cético entre voluntaristas. Colocando em evidência sua irritação em cada intervenção, sempre com ironia e humor corrosivo, mas sobretudo com generosidade, Morse especializou-se em mostrar os pontos fracos daquela pulsão, seus limites e aporias. Mas, ao mesmo tempo, com a consciência de que sem a planificação, quer dizer, sem a tensão moral que gerava a ideia de missão que aquela tinha, não poderia ter-se constituído como intelectual. Pois foi graças ao intenso debate político-social continental que definiu o campo de estudos urbanos nos anos 1960-1970 que Morse pode inserir sua inteligência em uma dimensão pública, escapando da ameaça mais temida por si mesmo, a de cair no limbo acadêmico dos latino-americanistas.

O certo é que, não só no Brasil, mas em toda a América Latina, não havia até este livro de Ana Castro um estudo a fundo das intensas relações de Morse com o mundo do pensamento urbano da época. E só com este livro em mãos é que se pode dizer quanta falta isso fazia para compreendermos ambos. É claro que tampouco se poderia propor um estudo sobre Morse limitando-o a esse mundo, e não é isso o que pretende este livro: Morse é considerado aqui em todas suas facetas, como intelectual, historiador e latino-americanista, tendo sido essas três coisas de modos sempre idiossincráticos. A exaustiva investigação realizada nos arquivos da Universidade de Columbia, por exemplo, permitiu a Ana Castro analisar em profundidade as relações de Morse com seu principal orientador na academia norte-americana, Frank Tannenbaum, uma figura chave na organização de um latino-americanismo muito consciente de sua dimensão pública e política. E seguramente a combinação de interesses cívicos e intelectuais que encontrou em Tannenbaum (que havia sido jornalista e militante do sindicalismo revolucionário) e de sua inserção em campos de estudo tão diversos como a história e a criminologia, a revolução mexicana e a escravidão, deixou uma marca tão profunda na formação de Morse como aquela que o mundo cultural de São Paulo imprimiu nele em seguida.

Mas é justamente *porque* se trata de entender um Morse integral que o ponto de vista urbano assume tanta importância neste livro. Analisada

com o rigor e a sagacidade que se mostram aqui, a obra de Morse sobre São Paulo torna-se o veículo ideal para alcançá-lo, não só porque em suas diferentes versões permite seguir seu autor ao longo de quinze anos dessas duas décadas que ele dedicou ao tema urbano; mas também porque, sendo a única investigação que Morse dedicou a uma cidade, pode se revelar nela uma significativa quantidade de intenções programáticas sobre a história urbana insólitas para a época, a ponto de espantar que *De Comunidade a Metrópole* tenha sido uma das primeiras obras de Morse. É como se ele, sem saber muito bem o que estava fazendo, tivesse ainda no início de sua carreira inventado um artefato extraordinariamente complexo, que certamente não se encaixava bem em nenhum gênero historiográfico até então, e que tivesse sido necessário todo o restante de sua obra para continuar amadurecendo suas consequências.

É muito conhecido o fato, por suas declarações em várias entrevistas, de que quando chegou em São Paulo Morse não pensava *fazer uma tese*, mas sim *escrever um livro*. Acentuando essa diferença, Morse sempre buscou mostrar o caráter acidental de sua admissão na academia e, sobretudo, que se permaneceu nela foi porque encontrou uma forma de trabalhar que lhe permitia uma liberdade dificilmente identificável com suas regras. *Um Americano na Metrópole Latino-americana* mostra tudo isso muito bem, mas talvez o mais interessante seja ter mostrado que Morse tampouco pensava que o livro que ele queria escrever era um livro de “história urbana”. Felizmente, porque a “história urbana” de seu tempo com certeza o teria inibido para compor um artefato tão estranho. Embora seja verdade que o primeiro título da obra faça uma referência explícita ao gênero da historiografia urbana mais difundido nos Estados Unidos durante as décadas de 1930 e 1940, as “biografias de cidade” – assim chamadas por sua compreensão da cidade como um organismo que desenvolve uma personalidade –, Ana Castro nos mostra que essas relações devem ser qualificadas. Ainda que o objetivo de buscar um “sentido geral” da cidade fosse compartilhado por Morse, a operação que ele acabou realizando para encontrá-lo, entrelaçando abordagens propriamente urbanas (e urbanístico-arquitetônicas) com outras, geográficas e históricas, políticas, sociais e, muito especialmente, artístico-culturais e literárias, não reconhece antecedentes naquela

bibliografia. Morse estava profundamente imbuído da busca de um *étos* coletivo – e é isso que vai caracterizar toda sua obra –, mas o livro sobre São Paulo já mostrava metodologicamente outra coisa, um desejo de combinar várias dimensões da vida histórica da cidade, habitado pela convicção de que aquele “significado geral” só poderia ser captado através do prisma da cultura e vice-versa, que esse prisma deveria ser compreendido como *urbano*. Daí a noção de “cultura urbana latino-americana”, que ele só utilizaria muito tempo depois, pois que nos anos 1950 o monopólio sobre a noção de “cultura urbana” era detido pelo paradigma sociológico construído por Louis Wirth em Chicago, que argumentava que o caminho da comunidade à metrópole era um caminho de *aculturação* no qual, afinal, nenhum resquício da primeira poderia permanecer em pé. Um paradigma que define por oposição, como se vê, as convicções com as quais Morse vai estudar as cidades latino-americanas.

A modalidade de “cultura urbana” que Morse então experimentava só ganharia fôlego nos anos 1980, quando um giro cultural muito mais amplo reorganiza todas as agendas de compreensão da modernidade e reposicionou a cidade – mas desta vez uma cidade muito mais parecida com o artefato cultural complexo de Morse que com o dispositivo programático da sociologia urbana ou da planificação – como um ambiente privilegiado para estudá-la. Àquela altura, Morse já havia abandonado os temas urbanos, mas chegou a escrever uma última peça em que deixou uma de suas fórmulas mais bem acabadas, um daqueles sucessos epigramáticos que ele tanto admirava nos ensaístas latino-americanos, com seu talento para *nomear*, para iluminar com a palavra exata áreas opacas da realidade: “Cidades sul-americanas como *arenas culturais*”, uma fórmula que encerra um legado.

Em seu primeiro livro sobre a São Paulo de Menotti del Picchia (2008), Ana Castro já havia mostrado uma notável capacidade para ler a cidade *junto* à literatura para compreender sua peculiar modernidade, bem como a havia mirado pelo filtro do que se fez e se escreveu sobre outras cidades latino-americanas – exercício comparativo que costuma ser o início da arte de escrever sobre cidades, desnaturalizando nossa relação com elas. E há que se lembrar que essa atenção para a América Latina era ainda muito rara na ensimesmada academia paulista. Nesse livro sobre outro livro – que por

sua vez são muitos livros —, a autora teve que fazer bem mais seguindo a jornada intelectual de um polígrafo como Morse: de New Jersey e Columbia a São Paulo, e dali à América Latina para, sobretudo, nos devolver uma cidade que se multiplica em camadas, a da experiência do campo artístico e intelectual dos anos 1940 e 1950 em que viveu Morse, a do imaginário historiográfico que produziu esse estranho artefato que é o *Formação Histórica de São Paulo*, a das leituras que o livro produziu, as lutas interpretativas em que se inseriu. A ideia de Morse de que a história cultural urbana deva ser capaz de oferecer uma imagem multidimensional da cidade é alcançada aqui com perspicácia e eloquência, o que mostra que aquele legado continua expandindo suas potencialidades.

Introdução

Realidades complexas e dinâmicas, cidades ganham inteligibilidade quando consideradas em suas múltiplas dimensões. Podemos compreendê-las como artefato material, mas também como campo de forças e de representações. Como materialidade, as cidades se expressam em formas construídas e apropriadas socialmente. Produzidas no interior de relações de tensão e conflito, tais formas exprimem articulações de natureza diversa: territorial, econômica, política, social e cultural. Contudo, além de serem um artefato socialmente produzido em um campo de forças, as cidades não deixam de ser também imagem e representação, que, por sua vez, alimentam as práticas sociais. Configura-se desse modo um circuito, pois “sem as práticas sociais não há significados sociais. Mas também não há significados sociais sem vetores materiais”, como pontua Ulpiano Bezerra de Meneses ao inscrever as cidades em uma teia de significações que adensa nossa forma de compreensão do mundo urbano¹. Essa premissa – compartilhada também por outros intelectuais que buscaram olhar para as cidades como um campo

1. Ulpiano T. Bezerra de Meneses, “A Cidade como Bem Cultural: Áreas Envolatórias e Outros Dilemas, Equívocos e Alcance da Preservação do Patrimônio Ambiental Urbano”, 2006, p. 37; e Ulpiano T. Bezerra de Meneses, “Morfologia das Cidades Brasileiras: Introdução ao Estudo Histórico da Iconografia Urbana”, 1996, pp. 145-55, entre outros artigos do mesmo autor.

ampliado de possibilidades interpretativas² – parece estar presente na obra que o historiador norte-americano Richard Morse (1922-2001) escreveu sobre São Paulo, fazendo dela o objeto de interesse deste livro.

Elaborada inicialmente como uma tese de doutorado no final dos anos 1940 – *São Paulo City under the Empire (1822-1889)* –, a obra de Morse foi editada em livro na década seguinte: no Brasil, em 1954, sob o título *De Comunidade a Metrópole: Biografia de São Paulo*, e, quatro anos depois, nos Estados Unidos como *From Community to Metropolis: A Biography of São Paulo, Brazil*³. Em 1970, foi republicada no Brasil com importantes acréscimos e um novo título, *Formação Histórica de São Paulo: De Comunidade a Metrópole*, tornando-se desde então a edição mais conhecida⁴.

O trabalho de Morse lançou diferentes olhares sobre a cidade de São Paulo para poder entendê-la em sua completude e complexidade. Ao se debruçar sobre as variadas esferas da existência, buscou definir um *éthos* paulista que, de algum modo, contribuísse para explicar o desenvolvimento urbano. Como decorrência, a obra produziu resultados ambivalentes. Ao mesmo tempo que contribuiu para consolidar a visão “paulista” sobre sua própria história, ousou propor, a partir da cidade, uma nova mirada sobre aquela história – ou ao menos quis apontar um caminho distinto para seu desenvolvimento partindo da própria história, *et pour cause* –, que a distinguia dos parâmetros de compreensão geral da evolução urbana das cidades dos países desenvolvidos. Sendo uma história urbana monográfica, sobre uma determinada cidade do continente latino-americano, a obra foi também vontade de um esquema de interpretação mais geral sobre a forma de desenvolvimento da cidade capitalista no mundo ibero-americano e, ainda, vislumbre de *outra* modernidade. Parece ter antecipado práticas discursivas e documentais, ou talvez apenas tenha atualizado procedimentos anteriores,

2. Raymond Williams, *O Campo e a Cidade: Na História e na Literatura*, [1973] 2009; Carl Schorske, *Viena Fin-de-Siècle: Política e Cultura*, 1990; Beatriz Sarlo, *Una Modernidad Periférica: Buenos Aires 1920 y 1930*, p. 198; entre outros.

3. Richard Morse, *De Comunidade a Metrópole: Biografia de São Paulo*, 1954; Richard Morse, *From Community to Metropolis: A Biography of São Paulo, Brazil*, 1958.

4. Richard Morse, *Formação Histórica de São Paulo: De Comunidade a Metrópole*, 1970. Quatro anos depois a edição ampliada foi publicada também em inglês pela editora Octagon, sem se alterar o título original: Richard Morse, *From Community to Metropolis: A Biography of São Paulo, Brazil*, 1974.

dando-lhes ares de trabalho científico ao se cercar dos rigores da pesquisa exaustiva das fontes, garantido um lugar também na academia⁵.

O exame dessa obra – encarada aqui em seus vários movimentos e por meio de distintas escalas de aproximação – busca lançar luz sobre pontos da historiografia de São Paulo, contribuindo para o campo dos estudos históricos urbanos e cobrindo três décadas fundamentais da urbanização latino-americana. Para dar conta da complexa rede de questões que parece emergir do tema, optei por uma abordagem monográfica da reflexão de Richard Morse sobre São Paulo⁶. Isso implicou tomar como fonte não apenas as três edições do livro (1954, 1958 e 1970), mas também os diversos artigos publicados pelo autor entre as décadas de 1940 e 1970 (listados na bibliografia), bem como seus trabalhos de mestrado, *São Paulo: The Early Years*, e de doutorado, *São Paulo City under the Empire (1822-1889)*, depositados na Rare Books & Manuscript Library da Universidade de Columbia, procedendo a uma análise dos textos atenta às ambiguidades e paradoxos do pensamento ali exposto. Para tanto, além da pesquisa nos acervos de documentos de Richard Morse na Universidade de Yale⁷, foi fundamental a pesquisa no acervo documental de seu orientador Frank Tannenbaum, na Universidade de Columbia⁸, onde também foram consultados acervos bibliográficos, em especial Avery Architecture and Fine Arts Library, Butler Library, Lehman Social Sciences Library e a biblioteca do Barnard College.

Salvo engano, a obra de Richard Morse sobre São Paulo nunca foi propriamente analisada. Há entrevistas e depoimentos que recuperam o

5. Para um panorama sobre a transformação da história urbana e seus antecedentes, ver Ronald Raminelli, “História Urbana”, 1997, pp.185-202; e Arturo Almandoz, *Entre Libros de História Urbana: Para uma Historiografía de la Ciudad y el Urbanismo en la América Latina*, 2008.

6. Largamente inspirada pela leitura que Ricardo Benzaquém faz do livro de Gilberto Freyre. Ver Ricardo Benzaquém de Araújo, *Guerra e Paz: Casa-Grande & Senzala e a Obra de Gilberto Freyre nos Anos 30*, 1994.

7. Richard McGee Morse Papers, Manuscripts & Archives Library, Yale University, organizado em quatro séries: Serie I: Correspondences, 1955-1985; Serie II: Organizations, 1959-1972; Serie III: Yale University, 1964-1977; Serie IV: Subject Files, 1963-1984. A série I encontra-se fechada até 2053, não tendo sido consultada.

8. Frank Tannenbaum Papers: 1915-1969, Rare Books & Manuscript Library, Columbia University.

período paulista do autor, além de artigos em que ela é revista por pesquisadores interessados em outros aspectos ou livros – em especial em *O Espelho de Próspero*, publicado no México em 1982 e no Brasil em 1988⁹ –, e que retomam o trabalho sobre São Paulo, encarando-o, entretanto, como obra de juventude do latino-americanista, sem levar adiante desdobramentos analíticos. À exceção de Maria Alice Rezende de Carvalho, que, mesmo sem se demorar na análise da obra, notou sua importância na trajetória intelectual de Morse, assinalando uma imediata afinidade com os intelectuais paulistas e seus procedimentos¹⁰.

O autor tampouco recebeu grande atenção biográfica. Além de depoimentos e entrevistas¹¹, há alguns artigos em sua homenagem, outros dedicados a recuperar sua trajetória ou a analisar aspectos específicos de sua obra¹². Por ocasião de sua morte, em 2001, obituários foram publicados retomando sua carreira (com a brevidade que o formato supõe)¹³. E mais recentemente essa trajetória ganhou uma visão de conjunto no livro *O Código Morse*, organizado pelos historiadores Beatriz Dominguez e Peter Blasenheim, ampliando o escopo do volume *Um Americano Intranquilo* (organizado nos anos 1990 como resultado de um seminário para a comemoração dos setenta anos do autor), dois volumes que, ao lado de um número especial da *Luso-Brazilian Review*, reúnem artigos e depoimentos variados sobre

9. Richard Morse, *El Espejo de Prospero: Un Estudio de la Dialéctica Del Nuevo Mundo*, 1982; e Richard Morse, *O Espelho de Próspero: Cultura e Ideias nas Américas*, 1988.

10. Maria Alice Rezende de Carvalho, “Morse e o Mar”, 1994, pp. 105-22.

11. Paul Goodwin, Hugh Hamill e Bruce Stave, “A Conversation with Richard M. Morse”, 1976; José Carlos Sebe Bom Mehy, “Depoimento de Richard Morse”, 1990 (o depoimento é de 1989); Helena Bomeny, “Uma Entrevista com Richard Morse”, 1989; Enrique Krauze, “Richard M. Morse: Entrevista”, 2001.

12. Dain Borges, “A Field Guide to Richard Morse’s Brazil”, 1995; Mauricio Tenorio Trillo, “Profissão: *Latin Americanist* – Richard Morse e a Historiografia Norte-Americana da América Latina”, 1989; Pedro Meira Monteiro, “A Paixão Latino-americana: Richard Morse”, 2009; Enrique Krauze, “Anatomia del Poder em América Latina: El Código Morse”, 2014.

13. Jeffrey Needell, “Obituary Richard Morse (1922-2001)”, 2001; Dain Borges, “Obituary Richard Morse (1922-2001)”, 2001; Simon Romero, “Richard McGee Morse, 78, Latin America Expert”, 2001; Carlos Guilherme Mota, “O Americano Intranquilo”, 2001; e Helena Bomeny, “Semper Dr. Morse: Em Celebração”, 2001.

o historiador¹⁴. Pesquisadores latino-americanos como Arturo Almandoz, Adrián Gorelik e Mauricio Tenorio Trillo abordaram a atuação e os escritos de Morse em alguns de seus trabalhos, em geral interessados na compreensão do campo da história urbana na América Latina, e nos quais a monografia sobre São Paulo foi eventualmente mobilizada¹⁵.

Richard Morse, entretanto, aparece recorrentemente nos estudos dos autores dedicados a pensar São Paulo. Não cabe aqui discutir todos que tomaram seu trabalho como fonte ou bibliografia, mas a menção a alguns títulos anuncia o amplo espectro de abordagens e campos disciplinares que recorreram à obra e a longevidade dessas leituras. Desde *A Industrialização de São Paulo* (1971) do historiador Warren Dean e *Raízes da Concentração Industrial em São Paulo* (1977) do economista Wilson Cano, na década de 1970; ou *São Paulo: Três Cidades em um Século* (1981) do arquiteto Benedito Lima de Toledo e *A Locomotiva* (1982) do economista e historiador Joseph Love nos anos 1980; passando por *Orfeu Extático na Metrópole* (1992) do historiador Nicolau Sevcenko; *O Espetáculo das Raças* (1993) da antropóloga Lília Schwarcz; *O Palacete Paulistano* (1996) da historiadora da arquitetura Maria Cecília Naclério Homem; *A Cidade e a Lei* (1997) da urbanista Raquel Rolnik e *Da Monarquia à República* (1998) da historiadora Emília Viotti da Costa, nos anos 1990; Morse seguiu sendo referência obrigatória, mencionado ainda em títulos como *Centralidade em São Paulo* (2000) do antropólogo Heitor Frúgoli; *Planejamento e Zoneamento* (2005) da urba-

14. Beatriz Domingues e Peter Blasenheim (orgs.), *Código Morse: Ensaio em Homenagem a Richard Morse*, 2010; Carlos Guilherme Mota (org.), *Um Americano Intranquilo: Homenagem a Richard Morse*, 1992; Dain Borges e Thomas Cohen (orgs.), “Culture and Ideology in the Americas: Essays in Honor of Richard M. Morse”, 1995. Após a defesa da tese que deu origem a este livro, foi lançado um volume com textos de Morse inéditos em português, com um extenso ensaio de abertura que analisa a trajetória do autor por Beatriz Domingues: “Dos *Insights* da Juventude às Teses da Maturidade de Richard Morse”, em Richard Morse, *Cidade e Cultura nas Américas*, 2017. Beatriz Domingues publicou mais recentemente o livro *Richard Morse entre os Estados Unidos e o Brasil*, 2018, fruto de sua tese para professor titular na Universidade Federal de Juiz de Fora em 2015.

15. Arturo Almandoz, “Notas sobre Historia Cultural Urbana: Una Perspectiva Latino-americana”, 2002; Arturo Almandoz, *op. cit.*, 2008; Adrián Gorelik, “La ‘Ciudad Latinoamericana’ como Idea”, 2002; Adrián Gorelik, “Richard Morse y la ‘Ciudad Latinoamericana’: Apogeo y Decadencia de un Ciclo” 2004; Adrián Gorelik, “Cultura Urbana Latinoamericana: Un Canon y sus Destiempos”, 2007; Adrián Gorelik, “La Aldea en la Ciudad. Ecos Urbanos de un Debate Antropológico”, 2008; Mauricio Tenorio Trillo, *op. cit.*, 1989.

nista Sarah Feldman e *Entre a Casa e o Armazém* (2005), da historiadora Maria Luiza Ferreira de Oliveira, já na primeira década do século XXI.

O que interessa apontar é que, apesar das diferenças de objetivos e de abordagens da história de São Paulo em cada um desses trabalhos, quase todos parecem incorporar os argumentos expostos por Morse para confirmar hipóteses ou exemplificar situações analisadas. Em raros momentos contesta-se, problematiza-se ou mesmo se contextualiza a história da cidade formulada pelo norte-americano, correndo-se o risco de naturalizar seus argumentos e análises¹⁶.

Resultado da tese de doutorado que Richard Morse defendeu em Columbia em 1952 sob a orientação do antropólogo Frank Tannenbaum (1893-1969) e acrescido de partes da investigação feita no Brasil entre os anos de 1947 e 1948 que haviam sido deixadas de fora – que resultaram no quarto capítulo do livro, “A Metrópole Moderna”¹⁷ –, a obra aqui analisada teve uma trajetória particular desde sua primeira edição em 1954.

Os comentários que se seguem ajudam a compreender a impressão de “clássico” que o texto de Morse sobre São Paulo parece congrega: “livro forte e pessoal, talvez *a melhor monografia até hoje escrita sobre a cidade*”, nas palavras de Antonio Candido; “seu primeiro livro tornou-se *um clássico* sobre São Paulo”, completava na mesma ocasião Carlos Guilherme Mota¹⁸. Nestor Goulart afirmaria: “da mesma época é o trabalho de Richard Morse, sobre a evolução da cidade de São Paulo, *ainda hoje utilizado com*

16. Algumas exceções devem ser anotadas: Ilana Blaj, *A Trama das Tensões: O Processo de Mercantilização de São Paulo Colonial (1681-1721)*, 2002, p. 69; Amílcar Torrão Filho, *Paradigma do Caos ou Cidade da Conversão? São Paulo na Administração de Morgado de Mateus*, 2010; Paulo Garcez Marins, “Glete e Nothmann em Berço de Ouro”, 2011, que discutem hipóteses e análises de Morse para além da incorporação de seus argumentos como fonte.

17. Os argumentos centrais do capítulo acrescentado já na primeira edição em 1954 podem ser lidos nos artigos publicados em periódicos brasileiros e norte-americanos nos anos anteriores, notadamente em: “Brazilian Modernism”, *The Hudson Review*, 1950; “Sao Paulo in the 19th Century: Economic Roots of the Metropolis”, *Inter-American Economic Affairs*, 1951; “The Negro in Sao Paulo, Brazil”, *The Journal of Negro History*, 1953; “Sao Paulo since Independence: A Cultural Interpretation”, *The Hispanic American Historical Review*, 1954.

18. Antonio Candido, “Young Mr. Morse”, 1992, p. 7 (grifos nossos); e Carlos Guilherme Mota, “Um Americano Intranquilo”, 1992, p. 14 (grifos nossos). Em outra oportunidade, Antonio Candido diria: “Quando conheci Richard M. Morse, em 1947, ele vivia aqui, preparando a tese de doutorado sobre a cidade de São Paulo, *certamente o melhor livro sobre este assunto difícil*, quase perigoso devido à mobi-

interesse”; concordando com Maria Alice Rezende de Carvalho, que nos lembra como “o livro, que começa a circular em 1970, é *referência obrigatória* para os estudiosos das cidades em geral, e uma das *grandes monografias* a que os paulistanos fizeram jus pela proximidade do autor aos seus humores modernistas”¹⁹.

Também já se disse que esse trabalho é “*o estudo mais laborioso e metódico sobre o tema*, no qual, sem prejuízo de seu propósito rigorosamente científico, a capital dos paulistas não é reduzida a insípido objeto de ciência”; e que “Morse começa seus estudos como historiador urbano e (*so to speak*) *brasilianist*. [Sendo] *notável* seu estudo histórico *From Community to Metropolis: A Biography of São Paulo*”²⁰. Mais recentemente, em uma coleção da Imprensa Oficial sobre a história do estado de São Paulo, José Jobson de Arruda afirmou que “o brasilianista é *um dos grandes intérpretes da história paulista*”, porque teria “*inova[do]* sua abordagem ao recusar enquadramentos excessivamente generalizantes, concentrando-se na apreensão do processo de urbanização, mesmo que, nos momentos iniciais da formação, o campo tenha prevalecido sobre a cidade”²¹. A obra, portanto, percorre um longo caminho desde sua primeira edição, no ano em que se comemorava o quarto centenário da fundação de São Paulo, que vale a pena ser brevemente recuperado.

Ainda que não tivesse sido elaborada com o objetivo de tomar parte nas comemorações de 1954, aproveitou-se a efeméride para que uma empreitada de tal natureza fosse traduzida e chegasse às livrarias. A história da evolução urbana de São Paulo, escrita por um jovem pesquisador norte-americano, saiu a público pela primeira vez em um momento fundamen-

lidade por vezes desnordeante do objeto” (Antonio Candido, “Apresentação” em Richard Morse, *op. cit.*, 1988, p. 10, grifo nosso).

19. Nestor Goulart Reis Filho, “O Campo da Arquitetura e do Urbanismo”, 1992, p. 40 (grifos nossos); Maria Alice Rezende de Carvalho, *op. cit.*, 1994, p. 105 (grifos nossos).

20. Gustavo de Mello Kujawski, “A Ironia como Método de Análise”, 14 maio 1988, p. 10; Mauricio Tenorio Trillo, *op. cit.*, 1989, p. 104 (grifos nossos). Para uma avaliação da importância do livro no contexto latino-americano, ver Adrián Gorelik, *op. cit.*, 2007.

21. José Jobson de Arruda, “Bibliografia Comentada”, em *São Paulo nos Séculos XVI-XVII*, 2011, p. 149 (grifos nossos). Em todos, à exceção do volume sobre o século XIX (curiosamente), o livro de Morse é citado.

tal da afirmação da identidade paulista – no qual a história pregressa era mobilizada para dar lastro às ações do presente, sobretudo nas realizações oficiais –, e ao lado de outras obras especialmente encomendadas ou organizadas para a ocasião²². Entre elas constavam o *Dicionário de Bandeirantes e Sertanistas do Brasil* (1953) de Francisco de Assis Carvalho Franco (1886-1953); o *Dicionário de Autores Paulistas* (1954) de Luís Correia de Melo; a *Bibliografia Crítica da Etnologia Brasileira* (1954) de Herbert Baldus (1899-1970); a edição das *Cartas dos Primeiros Jesuítas do Brasil* e o volume de *Poesias de José de Anchieta*; e ainda *São Paulo Antigo: Plantas Diversas da Cidade*; todas editadas pelo serviço de comemorações culturais da comissão, e com uma mesma capa, o que garantia identidade às obras da coleção Biblioteca do IV Centenário²³. Além dessas, o livro coletivo *São Paulo em Quatro Séculos* (2 vols., 1953 e 1954) organizado por Afonso D’Escragnolle Taunay (1876-1958) e publicado sob os auspícios da comissão; o *Catálogo de Documentos Sobre a História de São Paulo Existentes no Arquivo Ultramarino de Lisboa*, publicado em quinze volumes entre 1956 e 1959 pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB); e a série de títulos lançados pelas Edições Melhoramentos, como os três volumes do incansável Taunay, *Velho São Paulo*; e os álbuns de fotos *Isto é São Paulo!* e *São Paulo Antigo, São Paulo Moderno*; também devem ser, todos eles, compreendidos como parte desse esforço comemorativo.

Dessa espécie de *boom* editorial que a efeméride provocou, destaque o livro editado por José Olympio (1902-1990) em 1954, *História e Tradições da Cidade de São Paulo*, escrito por Ernani Silva Bruno (1912-1986). Três volumes que consagraram imagens da cidade potentes até hoje – sintetiza-

22. Silvio Luiz Lofego, *IV Centenário da Cidade de São Paulo: Entre o Passado e o Futuro*, 2004.

23. Em 7 de novembro de 1952 o jornal *O Estado de S. Paulo*, sob o título “Biblioteca do IV Centenário” (p. 11), já anunciava a publicação da tese de Morse como o terceiro volume da série. Em 12 de maio de 1953, o jornal dava outras informações sobre o andamento da tradução do quarto volume da coleção, *Monografia Histórico-sociológica sobre o Desenvolvimento da Cidade de São Paulo*, dizendo que fora recomendada pela comissão técnica do serviço de comemorações culturais da comissão. Dizia ainda que o autor já dera o “título definitivo”, a saber, *São Paulo no Século XIX, Biografia de uma Cidade* (“Biblioteca do IV Centenário”, *O Estado de S. Paulo*, 12 maio 1953, p. 11). A tese de Morse teria sido editada a convite de Guilherme de Almeida, membro da comissão. Ver José Carlos Sebe Bom Mehy, *op. cit.*, 1990, p. 156.

das em expressões como “arraial de sertanistas” ou “burgo de estudantes” e ainda “metrópole do café” –, figurando como títulos dos períodos históricos ali estudados. Encomendada pelo editor carioca três anos antes com o objetivo explícito de ser uma “contribuição às comemorações do quarto centenário da fundação de São Paulo”²⁴, o livro era uma edição caprichada que contava com desenhos de Candido Portinari (1903-1962) feitos especialmente para a abertura de cada um dos volumes, com bicos de pena de Clóvis Graciano (1907-1988) para o miolo, e ainda com “170 fotografias e plantas de São Paulo antigo e moderno”. Segundo o próprio autor, o trabalho pretendia dar conta da “longa e complexa história de São Paulo desde sua fundação” até aquela data, em uma espécie de esforço para conseguir a “aproximação de dados esparsos, que andavam esquecidos ou perdidos por aí, [que] enriquece[riam] o conhecimento que se pod[ia] ter do passado da cidade e de sua personalidade”²⁵.

No longo prefácio que antecede o texto de Silva Bruno, Gilberto Freyre reconhecia indiretamente livro e autor como herdeiros de suas próprias elucubrações sobre o passado, na medida em que ali se propunha uma visão do cotidiano da cidade. Em seguida, o intelectual pernambucano ressaltava o papel do estudo como “obra fundamental” não apenas para se conhecer o passado daquela cidade, mas para que “se firm[asse] ou se agu[çasse] no paulista metropolitano de hoje a consciência de responsabilidades de São Paulo para com seu interior, com o Brasil e com a América, principalmente a chamada Latina”²⁶. Nesse texto introdutório, Freyre frisava também a rara combinação de métodos empregados na narrativa: “do método biográfico ao histórico-sociológico; da indagação de fatos sociais de economia pelo método estatístico ao estudo de expressões folclóricas, aparentemente só pitorescas ou anedóticas, mas na verdade socialmente expressivas da realidade ou do passado que se procura estudar e interpretar como um todo ou como um complexo”²⁷. Características que também podem se aplicar ao livro de Morse, como veremos, e que deveriam garantir àquela obra um

24. “Nota dos Editores”, em Ernani Silva Bruno, *História e Tradições da Cidade de São Paulo*, 1954.

25. Ernani Silva Bruno, *op. cit.*, 1954, p. 17.

26. Gilberto Freyre, “Prefácio”, em Ernani Silva Bruno, *op. cit.*, 1954, p. 11.

27. *Idem, ibidem*.

lugar de destaque na estante “paulística”. No entanto, a despeito de ter sido publicada na prestigiosa Coleção Documentos Brasileiros – inaugurada pelo livro de estreia de Sérgio Buarque de Holanda²⁸ –, e de ter contado com o elogioso prefácio de Gilberto Freyre, sua apreciação posterior parece tê-la relegado à categoria menor dos relatos memorialistas²⁹.

Lançado na mesma data e com pretensão de certo modo semelhante, a de recontar a longa história da urbanização de São Paulo, nos agradecimentos da primeira edição de seu livro Richard Morse destacaria o caráter da “aventura” que ora se publicava: “antes *um histórico crítico e interpretativo* do que um panegírico, como frequentemente as comemorações oficiais suscitam”³⁰. Nota-se como Morse buscava deixar claro o lugar de onde falava, descolando-se das comemorações *stricto sensu*, ao pontuar suas almejadas interlocuções na academia e a ambição analítica que o guiava. Sendo efetivamente parte das comemorações oficiais, essa primeira edição, no entanto, por problemas de ordem prática, acabou quase não circulando³¹.

O livro *De Comunidade a Metrópole* se propunha a contar a história de São Paulo, organizando-a, assim como o trabalho de Silva Bruno, por períodos ou fases. Após uma introdução na qual o autor apresentava o tema e suas principais interlocuções e inspirações, seguiam-se quatro capítulos que pretendiam dar conta das fases de desenvolvimento da cidade ao longo dos séculos. Intitulados “Colonialismo e Novos Estimulantes”; “Surge a Cidade-mente”; “Surge a Cidade-organismo”; e, por fim, “A Metrópole Moderna”; com exceção deste último, todos retomavam de perto a redação

28. Sérgio Buarque de Holanda, *Raízes do Brasil*, 1936.

29. Sílvia Luiz Lofego, *Memória de uma Metrópole: São Paulo na Obra de Ernani Silva Bruno*, 2001; Ana Cláudia Fonseca Brefe, *A Cidade Inventada: A Pauliceia Construída nos Relatos dos Memorialistas (1870-1920)*, 1993.

30. Richard Morse, *op. cit.*, 1954, [s.p.] (grifos nossos).

31. Segundo Antonio Candido, tendo ficado em um depósito que alagou, o livro não foi distribuído comercialmente naquele momento. Apenas alguns exemplares teriam sido oferecidos a amigos e potenciais leitores (Entrevista à autora em 16 de março de 2010). Na “Nota Explicativa” da segunda edição brasileira se lê: “Este livro apareceu inicialmente em português, no ano de 1954, mas foi distribuído de maneira tão limitada, que a edição presente constitui de fato sua primeira difusão pública no Brasil” (Richard Morse, *op. cit.*, 1970, p. 5). Morse diria que foi devido a disputas entre prefeitura e governo do estado que os livros ficaram armazenados em um depósito sem distribuição (José Carlos Sebe Bom Mehy, *op. cit.*, 1990, p. 156).

da tese *São Paulo: City under The Empire (1822-1889)* defendida em 1952. O recorte temporal reduzido da tese era decorrente de uma decisão de ordem prática, menos que conceitual, tomada para permitir a Morse finalizar o trabalho a tempo de ocupar um cargo de professor-assistente na Universidade de Columbia³². Originalmente escrito em inglês, o texto foi traduzido para o português por Maria Aparecida Madeira Kerberg (1917-2008), então aluna da Escola Livre de Sociologia e Política. Kerberg participara de pesquisas sobre a cidade de São Paulo feitas na década de 1940 sob a orientação de outro pesquisador norte-americano, Donald Pierson (1900-1995), a quem Morse conheceu logo que chegou na cidade³³. Trechos do capítulo dois, “Período de Expectativa (*Mal-estar Pós-colonial; A Revolução de 1842*)”, foram traduzidos por outro aluno de Pierson, Levy Cruz³⁴.

A primeira apreciação pública do livro de Morse de que se tem notícia é a resenha publicada em 1956 por Florestan Fernandes (1920-1995), professor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, no recém-criado “Suplemento Literário” do jornal *O Estado de S. Paulo*, espaço que começava a se firmar no restrito círculo intelectual

32. Ainda no Brasil, Morse é convidado por Frank Tannenbaum a assumir o curso de História da América Latina, ministrado até então pelo historiador porto-riquenho Arturo Morales Carrión (1913-1989), que retornara a seu país natal. Diz Morse: “Naquela época [para dar aulas] não era preciso todos aqueles concursos e atividades acadêmicas probatórias. A escolha dos docentes era uma coisa muito pessoal e dependia das oportunidades e da confiança que os professores mais velhos tinham nos mais novos” (José Carlos Sebe Bom Mehy, *op. cit.*, 1990, p. 156). Richard Morse permanece como docente em Columbia até 1958, responsável pela disciplina História e Cultura da América Latina (“Courses on Latin America (by Department)”, p. 3, box 19, Frank Tannenbaum Papers, Rare Books & Manuscript Library, Columbia University).

33. Isabela Oliveira Pereira da Silva, “Donald Pierson em São Paulo: Entre o Departamento de Cultura e a ELSP”, 2011, p. 625. Richard Morse, nos agradecimentos do livro de 1954, bem como na edição norte-americana de 1958, nomeia Pierson. Porém, este não parece ter sido um contato que renderia em termos de parcerias e projetos intelectuais comuns, ainda que ele tenha se valido das pesquisas pioneiras de Pierson e seus alunos, os estudos sobre moradias e hábitos alimentares divulgados em artigos diversos publicados na *Revista do Arquivo Municipal*, sendo talvez por intermédio desse aluno de Robert Park que tenha se dado seu contato inicial com a Escola de Chicago.

34. Levy Cruz participa da pesquisa de Pierson em Cruz das Almas, figurando como coautor do trabalho ao lado de outros orientandos (*Cruz das Almas: A Brazilian Village*, Washington Smithsonian Institution, 1951). Morse esclarece a autoria dessa tradução nos agradecimentos da primeira edição (Richard Morse, *op. cit.*, 1954, [s.p.]).

paulista da época³⁵. Nesse texto, o sociólogo destacava “a perspectiva da ‘síntese histórica’ [...] engrandecida pela exploração contínua de recursos interpretativos fornecidos pelas ciências sociais”, o que levava o autor a concentrar suas indagações nas análises dos “processos histórico-sociais, histórico-geográficos ou econômico-políticos e seus produtos dinâmicos”³⁶. Florestan concluía que a obra havia sido construída “sob preocupações historiográficas muito complexas” que revelavam a riqueza daquela investigação “tanto no plano empírico como no plano interpretativo”, embora estivesse “longe” de considerá-la uma “obra-prima”. Mesmo com a ressalva, e altamente elogiosa em seu sentido geral, a resenha teve o mérito de captar as especificidades daquele trabalho no calor da hora, definindo o livro imediatamente como uma “história cultural” de São Paulo.

No ano seguinte, em uma resenha publicada na revista *Anhembi*, o jovem sociólogo Fernando Henrique Cardoso (1931), orientando dileto de Florestan, considerou aquele “um dos melhores trabalhos realizados sobre São Paulo, sendo sob muitos aspectos pioneiro na historiografia paulistana” — obra que mereceria leitura cuidadosa³⁷. O texto afirmava que Morse, ao analisar as diversas esferas da existência, não elaborava “esquemas de interpretações causais” nem mesmo postulava “uma integração orgânica entre elas”. O que, note-se, livrava o livro de ser compreendido na chave determinista de outras obras sobre a cidade que pareciam ver na história colonial o destino manifesto da metrópole, sem nenhuma mediação. Para Fernando Henrique, o trabalho ajudava inclusive a perceber certos desajustes da metrópole, devido a “seu ritmo desigual de crescimento e de transformação”, ressaltando como o autor tivera o cuidado em explicitar que não partilhava das análises sociológicas “mais duras” que viam a metrópole como “desintegrativa”, dando espaço a que os novos valores — sociais e

35. Elizabeth Lorenzotti, “Suplemento Literário”: *Que Falta Ele Faz!*, 2007.

36. Florestan Fernandes, “Resenha Bibliográfica: *De Comunidade a Metrópole*”, 20 out. 1956, p. 1. A resenha sai no terceiro número do “Suplemento Literário”. Todas as citações do parágrafo referem-se a esse texto.

37. Fernando Henrique Cardoso, “Resenha: *De Comunidade a Metrópole* — Richard M. Morse. *De Comunidade a Metrópole: A Biografia de São Paulo, 1954*”, 1957. Todas as citações do parágrafo referem-se a esse texto.

morais – pudessem ser reelaborados na cidade³⁸. Com tudo isso, e levando-se em conta os objetivos a que o próprio autor se propusera, o resenhista verificava que estes haviam sido alcançados “por vezes até de forma brilhante”, criticando apenas a “conotação valorativa de certas explicações” que implicariam a impossibilidade de ver surgir “tipos diferentes de integração social em formas de vida urbana aparentemente caóticas” –, crítica que ele mesmo dizia não ser possível explorar no reduzido espaço da resenha, mas que parece ter a ver com o capítulo final do trabalho, no qual Morse lidava com a metrópole contemporânea e propunha caminhos possíveis para sua urbanização.

A despeito de não ter circulado comercialmente, essas resenhas fazem supor que a obra encontrou leitores, ao menos no circuito intelectual formado pelos professores e alunos da Universidade de São Paulo. Luiz Jackson, ao analisar o papel “extraoficial” de Florestan Fernandes na condução da revista *Anhembi* editada por Paulo Duarte (1899-1984), e que, após 1954, passaria a ter colaborações cada vez mais frequentes do sociólogo e de seus assistentes, ajuda a precisar a importância desses textos na trajetória posterior do livro. Tanto a *Anhembi* como a *Revista Brasileira*, situadas “a meio caminho entre os campos político e cultural”, teriam servido para o debate científico “em decorrência sobretudo da atuação de Florestan Fernandes, que delas se utilizou como ‘caixa de ressonância’ para a legitimação de seu projeto acadêmico”³⁹. Isso nos permite afirmar que não se tratava de resenhas desinteressadas do trabalho de um jovem estrangeiro sobre São Paulo, escritas por um sociólogo em início de carreira e por um jovem pesquisador promissor, mas indício de certa concordância com a visão ali exposta da história da cidade, levada em conta por aqueles que estavam se tornando os criadores de uma “sociologia paulista” na recém-criada universidade⁴⁰.

38. “Desintegrativa” como a veriam contemporaneamente os sociólogos de Chicago, notadamente Louis Wirth e Robert Redfield, este último olhando para a América Latina e pondo à prova, na pesquisa etnográfica que faz no México, a dicotomia clássica entre comunidade e sociedade. Volto ao tema no capítulo 3.

39. Luiz Jackson, “A Sociologia Paulista nas Revistas Especializadas (1940-1965)”, 2004.

40. Maria Arminda do Nascimento Arruda, “Florestan Fernandes e a Sociologia de São Paulo”, em *Metrópole e Cultura: São Paulo no Meio Século XX*, 2001, pp. 189-330.

O artigo que o próprio Florestan escreve décadas depois como homenagem aos setenta anos de Morse não deixa dúvidas sobre isso, reconhecendo ali a maestria com que um jovem historiador norte-americano se apropriaria da história da cidade para estabelecer “uma das interpretações mais interessantes sobre o [seu] complexo desenvolvimento urbano”⁴¹. Vale a pena recuperar um trecho mais longo de seu comentário para precisar o ponto:

O primeiro trabalho de envergadura do historiador não é, necessariamente, um item superficial em sua produção. Como explicar o passo ousado de partir do ponto zero da “colonização” (assinale-se: não da civilização, pois as terras eram ocupadas por diversas populações indígenas) e tentar percorrer os altos e baixos da transformação da “comunidade” em “metrópole”? Não basta para isso a energia juvenil. Carece o talento maduro, manejado pela imaginação histórica que agregue capacidade de invenção, dedicação extrema à exploração de fontes e de bibliografias exuberantes e confiança de que certas tendências gerais à continuidade e à mudança possuem fundamento *in re*. Desse ângulo, o historiador jovem ultrapassa a categoria de idade – a competência, a argúcia e o espírito criador ganham a primazia e decidem o que será a obra⁴².

É certo que se tratava de um texto de homenagem e não de uma resenha feita no calor da hora, mas o fato de a escolha de Florestan ter recaído sobre um “texto de juventude” novamente não pode ser visto como apenas elogio desinteressado, ou rememoração sobre um passado em comum de tempos já idos, e sim como a confirmação do reconhecimento de um trabalho que o sociólogo paulista reputava pioneiro – ainda que surgido a partir de “alguns caminhos [já] desbravados” –, constituindo o que ele chamaria de um primeiro “estudo da formação e desenvolvimento da cidade como totalidade histórica”⁴³. O que Florestan valorizava, portanto, era o esforço de síntese feito por Richard Morse para dar forma a uma longa e dispersa história, não apenas em relação à reunião de materiais difusos ou detalhes

41. Florestan Fernandes, “O Historiador Enquanto Jovem”, 1995.

42. *Idem*, p. 90.

43. *Idem*, *ibidem*.

cotidianos da cidade – como a obra de Silva Bruno lançada contemporaneamente fizera –, mas em sua compreensão totalizante e provedora de sentido à vida urbana que se desenrolara em São Paulo durante os séculos de sua história.

Florestan não se eximiu, porém, como a atividade de sociólogo militante requeria, de explicitar suas críticas e discordâncias – agora sim, vistas com a distância do tempo – em relação às análises de Morse sobre a metrópole contemporânea feitas na década de 1950. De seu ponto de vista, elas perderiam a capacidade crítica de julgamento – notável em relação ao desenvolvimento histórico pregresso –, em nome de certo encantamento da própria experiência do autor na metrópole paulista durante aqueles breves anos. O que em sua primeira resenha foi visto de modo mais condescendente, como se percebe pela frase: “a análise se beneficia do estado de espírito a que se refere ao dizer que São Paulo é a cidade que ‘mais amo’, sem perder a profundidade e o rigor indispensáveis em trabalhos desse gênero de investigações positivas”⁴⁴, passava, décadas depois, a ser identificado a uma posição pouco desejável em um trabalho “científico”.

Assim, nota-se que desde a primeira análise feita por Florestan ainda na década de 1950, a obra foi constituindo uma discreta, porém consistente, fortuna crítica. Em 1958, seguindo o caminho mais ou menos comum das boas teses defendidas na academia norte-americana, o trabalho foi publicado em inglês sob o título *From Community to Metropolis: A Biography of São Paulo, Brazil* pela editora da Universidade da Florida, que tinha um programa de estudos latino-americanos já razoavelmente conhecido⁴⁵. Nessa versão, preparada para o público norte-americano, Morse reescreveu a introdução para apresentar o tema da pesquisa aos leitores não familiarizados com assuntos brasileiros e transformou cada capítulo em uma parte, fazendo das seções de cada um deles um capítulo menor. Acrescentou ainda um capítulo inicial, “Antecedents”, no qual retomou de modo mais detido a história colonial paulista abordada de forma breve na introdução de 1954 (seguindo a tese

44. Florestan Fernandes, *op. cit.*, 1956.

45. Para a preparação do manuscrito, Morse contou com duas bolsas, uma do Council for Research in the Social Sciences e a segunda do Dunning Fund of the Department of History, ambos da Universidade de Columbia, onde o historiador ocupava, àquela altura, um cargo de docente.

de 1952), e buscou diminuir o número de notas de rodapé, apresentando as referências bibliográficas em uma síntese única ao final de cada capítulo, auxiliando desse modo o leitor interessado em eventuais aprofundamentos com breves comentários para cada um dos temas e títulos abordados.

Essa nova edição também mereceu resenhas⁴⁶. Entre elas, destaco a do geógrafo francês ex-professor da Universidade de São Paulo Pierre Monbeig, ele mesmo autor de importantes trabalhos sobre a cidade e sua região, como *Pionniers et planteurs de São Paulo*, resultado de sua tese de doutorado defendida na Sorbonne poucos anos antes, e o ensaio *La croissance de la Ville de São Paulo*, além de outros títulos sobre a geografia brasileira⁴⁷. Assim como Fernando Henrique Cardoso e Florestan Fernandes, Monbeig foi profícuo em elogios, reconhecendo que não se tratava de *apenas* um novo item na já extensa bibliografia sobre São Paulo, mas de contribuição fundamental para a compreensão da cidade, afirmando que o sucesso da empreitada era inquestionável⁴⁸. O geógrafo ressaltava a decisão acertada de se voltar ao passado mais remoto, para o século XVI mais precisamente, para se obter o completo entendimento do papel contemporâneo da capital paulista, sublinhando daquele passado ao menos uma característica para a compreensão da futura metropolização: a irradiação da influência e do prestígio de São Paulo por sobre um vasto território, desde o estabelecimento da vila jesuítica. Monbeig se referia ao novo capítulo, acrescentado nessa versão – “Antecedents”, que dava maior peso à história colonial na economia do livro –, destacando uma característica discutida também em seu próprio trabalho sobre a cidade⁴⁹.

46. W. A. Tate, “Reviewed Work(s): *From Community to Metropolis: A Biography of Sao Paulo, Brazil* – Richard M. Morse”, 1959; Calvin Billman, “Reviewed Work(s): *From Community to Metropolis: A Bibliography of São Paulo*”, 1959; Thomas M. Gale, “Reviewed Work(s): *From Community to Metropolis: A Biography of São Paulo*”, 1959; e Pierre Monbeig, “Reviewed Work(s): *From Community to Metropolis: A Biography of Sao Paulo, Brazil* – Richard M. Morse”, 1960. Pelos títulos dos periódicos, nota-se o espectro de interesses que o livro despertou.

47. Pierre Monbeig, *Pionniers et planteurs de São Paulo*, 1952; Pierre Monbeig, *La croissance de la Ville de São Paulo*, 1953.

48. Pierre Monbeig, *op. cit.*, 1960, pp. 120–122.

49. Pierre Monbeig, *op. cit.*, 1953.

Mas foi a segunda edição em português, publicada em 1970 com o título *Formação Histórica de São Paulo: De Comunidade a Metrópole*, a que circulou mais amplamente, tornando-se desde então a edição mais citada. Nessa versão, além de escrever uma nova introdução para situar o livro na perspectiva temporal entre as duas edições brasileiras e de manter o capítulo “Antecedentes” escrito em 1958 (ampliando-o), Morse acrescentou um capítulo final – “Ecologia, Sociedade, Cultura: Reconsideração de Alguns Temas (1968)” –, espécie de epílogo que pretendia funcionar como uma atualização bibliográfica, já que no arco temporal entre as duas edições brasileiras toda uma reflexão nova sobre a cidade latino-americana havia aparecido⁵⁰. Os textos acrescentados também buscavam precisar certas considerações feitas anteriormente de modo mais ou menos intuitivo, afirmando o lugar do autor como um intelectual comprometido com um olhar abrangente para a América Latina e suas condições de urbanização, históricas e contemporâneas, dando conta, portanto, de seu lugar na academia. Não mais um recém-doutor que estudara a história de uma capital latino-americana, mas o professor de História da América Latina e coordenador do Latin American Studies Program da prestigiosa Universidade de Yale.

Editado na coleção *Corpo e Alma do Brasil*, dirigida por Fernando Henrique Cardoso, o livro foi publicado ao lado de títulos que se tornaram referências no pensamento social brasileiro, como *Brasil, Terra de Contrastes* (1959) de Roger Bastide (1898-1974); *Mudanças Sociais no Brasil* (1960) de Florestan Fernandes; *A Industrialização de São Paulo* (1971) de Warren Dean (1932-1994); *O Modelo Político Brasileiro* (1972) do próprio Fernando Henrique; e *Raízes da Concentração Industrial em São Paulo* (1977) de Wilson Cano (1937-2020)⁵¹. A mudança do título – de “biografia” para “formação” – buscava explicitar os laços da obra com a tradição do pensamento social brasileiro representada na coleção, e reafirmava por parte do editor sua leitura como contribuição ao entendimento da própria sociedade,

50. Adrián Gorelik, “A Produção da ‘Cidade Latino-americana’”, 2005b, pp.111-133.

51. Vale a pena lembrar que Fernando Henrique Cardoso a essa altura estava próximo dos temas urbanos, por sua participação na Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (Cepal) ao lado de muitos intelectuais latino-americanos que viam o problema da urbanização como central para os rumos do desenvolvimento daqueles países.

essencialmente apoiada em torno da passagem não apenas da comunidade à metrópole, mas da colônia à nação⁵².

A nova edição contava também com uma “Nota Explicativa” para substituir os “Agradecimentos” da primeira, e com a orelha assinada por Maria Sylvia de Carvalho Franco (1930), “que traduziu as revisões do texto original”, complementando o trabalho de Antonio Candido (1918-2017) como tradutor dos acréscimos. Nesse breve texto, a socióloga contemporânea de Fernando Henrique notou a contribuição da obra para certa “revisão teórica” em curso, afastando-a das “interpretações convencionais” que dicotomizavam a formação brasileira entre um período agrário atrasado e outro urbano moderno. Isso porque, partindo “do pressuposto de um intrincado relacionamento entre formações rurais e urbanas, de identidades que se constituíram, e não de uma pretendida oposição de sentido histórico entre os dois setores”, Morse teria entendido a própria colonização como um processo também urbano. Maria Sylvia elogiava a “sensibilidade do autor na escolha de temas importantes para a história do Brasil” e o “cuidado e a coerência nas posições teóricas envolvidas”, deixando clara a importância da obra para a reconstrução da “gênese e [...] [do] desenvolvimento da cidade de São Paulo até os dias presentes”⁵³.

Ainda que desta última edição não tenham sido encontradas resenhas, insisto que o fato de ela ter sido lida, comentada e editada por nomes fundamentais do campo intelectual paulista não contou pouco na trajetória posterior da obra. Ao longo de todos esses anos, sem muito alarde nem repercussões polêmicas⁵⁴, a obra foi sendo consagrada por meio de cada uma dessas leituras e ao longo de suas inúmeras citações, ocupando o lugar de explicação da história do crescimento excepcional da capital paulista. Do meu ponto de vista, contudo, a despeito das intenções do autor, o trabalho acabou se tornando um “clássico” da história de São Paulo menos por suas qualidades interpretativas, que são inegáveis (e que justamente pretendo discutir), mas por fornecer imagens, exemplos e dados de maneira sintética,

52. Paulo Arantes e Otilia Arantes, *Sentido da Formação: Três Estudos sobre Antonio Candido*, Gilda de Melo e Sousa e Lúcio Costa, 1997.

53. Maria Sylvia de Carvalho Franco, [texto de orelha], em Richard Morse, *op. cit.*, 1970.

54. Como foi o caso do livro *O Espelho de Próspero*, lançado nos anos 1980.

não apenas sobre as transformações da cidade, mas sobre a cultura urbana paulista em geral.

Morse elaborou um ensaio de interpretação histórica que até hoje encanta e convence seus leitores como a história urbana de São Paulo, obra à qual se retorna para buscar informações, comprovar intuições e legitimar afirmações. Valendo-se de uma narrativa habilidosa que mesclou registros ao alternar juízos explicativos, discursos e opiniões, Richard Morse definiria um caminho para a história da evolução urbana de São Paulo. Mas o fato de ter buscado na cultura, e na literatura em especial (ao pautar o romantismo e o modernismo como polos de sua interpretação), uma chave de compreensão daquele passado parece não ter sido devidamente valorizado ou sublinhado. E mais, se para o próprio historiador o livro acabou sendo também uma plataforma para um programa de estudos, ao ver em São Paulo um exemplo de desenvolvimento para a cidade latino-americana, tampouco essa leitura ampliada sobre a cidade deu frutos. Tais apostas não parecem ter sido levadas a sério nem pelos seus leitores mais interessados, na medida em que não se notam desdobramentos das hipóteses acerca do lugar de São Paulo na América Latina, nem dos métodos interpretativos a partir da cultura que ali se anunciam, ao menos até a renovação historiográfica que ocorre no Brasil nos anos 1980, levando a se incluir a literatura de forma mais frequente nos estudos de história urbana, mas certamente valendo-se de outras fontes⁵⁵.

Passado mais de meio século desde sua primeira publicação, o que se nota, portanto, é uma espécie de naturalização da história que Richard Morse apresentou sobre a evolução urbana de São Paulo. O trabalho da socióloga Maria Arminda do Nascimento Arruda sobre a cidade na década de 1950, *Metrópole e Cultura: São Paulo no Meio Século xx*, publicado em

55. Penso em livros como o de Flora Süssekind, *As Revistas de Ano e a Invenção do Rio de Janeiro*, 1986, ou de Nicolau Sevcenko, *Orfeu Extático na Metrópole: São Paulo nos Frementes Anos 20*, 1992, que, a despeito de não serem propriamente histórias urbanas, são exemplos de trabalhos que a partir dos anos 1980 propuseram novas compreensões das cidades como Rio de Janeiro ou São Paulo, partindo da literatura ou da cultura em geral. Ver Ronaldo Vainfas, “História das Mentalidades e História Cultural”, 1997.

2001, é nesse sentido paradigmático⁵⁶. Tomando o quarto centenário da cidade como um evento condensador da experiência da metropolização vivida naqueles anos na capital paulista, e tendo na perspectiva cultural a chave de entendimento da metrópole, a socióloga se vale da obra de Morse como bibliografia para reforçar seus argumentos, sem jamais encará-la como um potencial documento, a despeito de o livro ter sido lançado pela primeira vez pela Comissão do IV Centenário e do fato de a autora comentar brevemente essas publicações. Além disso, a perspectiva cultural explícita (e pioneira) naquele trabalho como eixo privilegiado de análise da cidade em nenhum ponto é ressaltada pela socióloga, ainda que talvez ela tome dali alguns *insights*, pois seu livro pretende justamente discutir e formular a identidade “cultural” da cidade nos anos de sua metropolização⁵⁷. Esse exemplo busca insistir na ideia de que pouco se discutiu o conteúdo da obra de Morse e menos ainda se tratou de sua forma, o que acaba por nublar sua potência.

Foi a constatação do alcance da obra de Richard Morse e de haver alguns caminhos não trilhados ou que merecessem ser seguidos até o fim que reforçou minha decisão de privilegiar a cidade de São Paulo em sua trajetória. Interessa discutir aqui a maneira como Morse enfrenta seu objeto, a cidade, no que diz respeito ao estabelecimento de uma história cultural urbana de São Paulo – definindo o que ele entende por cidade, identificando as fases dessa história; em seguida, explorando de que forma ele compreendeu a evolução urbana por meio da literatura (ou da cultura); e por fim como parte de um debate das ciências sociais e da crítica urbana latino-americana –, para poder compreender por que o livro ocupa esse lugar. Meu objetivo é dissecar a arquitetura do livro – ou dos livros, já que, a cada edição, algo era revisto e repensado, acrescentado ou recolocado –, refletindo sobre a trajetória de um autor que se transforma ele mesmo em figura-chave para a constituição do campo de história urbana dali em diante.

56. Maria Arminda do Nascimento Arruda, *op. cit.*, 2001.

57. A autora reconhece em Carl Schorske e seu *Viena Fin-de-Siècle*, publicado em 1979, sua principal inspiração (p. 49).

Richard Morse, filho único de uma família de negociantes de chá, nasceu em Summit, subúrbio rico de Nova Jersey, em 1922, o ano mítico da publicação do *Ulisses* de James Joyce e do *The Waste Land* de T. S. Eliot, mesmo ano em que jovens escritores e artistas se reuniam em São Paulo em um festival vagamente inspirado em seu congênere nova-iorquino para lançar as bases do que seria o modernismo brasileiro. Morse gostava de se referir a essa “coincidência” para reforçar seu apreço e identidade de interesses com o movimento paulista⁵⁸. Aos dez anos, mudou-se com a família para outro dos subúrbios-jardim norte-americanos, desta vez na Nova Inglaterra. Em Greenwich, Morse estudou em um colégio de elite da região até seguir, no início dos anos 1940, para a Universidade de Princeton – como seu pai e seu avô antes, e como seu filho, tempos depois.

Nesse caminho mais ou menos típico dos filhos da elite norte-americana branca, protestante e anglo-saxã, Richard Morse tomou alguns desvios. Após seu primeiro posto como docente em Columbia em 1949, onde deu aulas até 1958, o historiador passou por algumas universidades – esteve na Universidade de Porto Rico e foi professor visitante em Harvard e na Universidade de Nova York –, até se estabelecer em 1962 em Yale, New Haven, onde permaneceu por dezessete anos. Nesse meio-tempo, casou-se em 1954 com a haitiana Emerante de Pradines (1918-2018), com quem teve dois filhos, vivendo com a família nos Estados Unidos, em Porto Rico e por um breve período no Haiti⁵⁹. Nos anos 1980, Morse deu aulas na Universidade de Stanford, na Califórnia (entre 1979 e 1984) e posteriormente se transferiu para Washington, onde se tornou Secretário do Latin American Affairs

58. As informações biográficas constam das entrevistas concedidas por Richard Morse ao longo da carreira (Paul Goodwin, Hugh Hamill e Bruce Stave, *op. cit.*, 1976; Helena Bomeny, *op. cit.*, 1989; Carlos Sebe Bom Mehy, *op. cit.*, 1990), completadas pelas pesquisas em Columbia e em seu acervo em Yale (séries II a IV, Richard McGee Morse Papers, Manuscripts & Archives Library, Yale University) e pelas entrevistas e conversas com contemporâneos, alunos e pesquisadores: Antonio Candido (São Paulo, 16 mar. 2010); Pedro Meira Monteiro (São Paulo, 12 ago. 2010, e Princeton, 15 out. 2010); Arcádio e Alma Diaz-Quñones (Nova York, 17 out. 2010); Dain Borges (Chicago, 2 nov. 2010); Matthew Shirts (São Paulo, 22 fev. 2011); Carlos Guilherme Mota (São Paulo, 28 jun. 2011); Beatriz Domingues (São Paulo, 22 jul. 2011; e Juiz de Fora, 28 jun. 2012); Fernando Novais (São Paulo, 21 nov. 2012).

59. Permaneceu casado com ela até a morte dele, em 2001. Emerante de Pradines, quando este texto foi escrito (2013), vivia no Haiti com seu filho Richard August Morse. A filha Marise Morse vivia em Washington. Emerante veio a falecer em 2018.

do Wilson Center, centro de pesquisa associado à Smithsonian Institution. Voltaria ainda ao Brasil por um curto período de tempo no final dos anos 1980, como consultor da Fundação Ford, quando ocupou a direção da Comissão de Desenvolvimento Urbano e Regional, desta vez vivendo no Rio de Janeiro, e tendo visitado o país por diversas vezes ao longo de todo esse período para participar de reuniões e congressos.

Neste trabalho, sigo de perto o período que vai de seu doutoramento em Columbia à docência em Yale, pois ele coincide com o intervalo entre as duas edições em português do livro, 1954 e 1970. Mas, para compreender como seu tema de pesquisa surge, foi necessário voltar à década de 1940, aos anos de sua graduação em Princeton e de um primeiro trabalho sobre São Paulo feito em Columbia. Foi nessa última universidade que Morse começou a dar aulas, tornando-se assistente da cadeira de História da América Latina dirigida por Frank Tannenbaum, ainda enquanto redigia a tese. E foi em Yale, como professor associado – onde permaneceu por quase vinte anos – que ele redigiu os novos textos que ampliaram a edição de seu livro em 1970, devedores de um debate no qual ele foi um dos protagonistas e também seu intérprete.

Pertencendo à elite universitária norte-americana, circulando primeiramente como aluno e depois como docente pelas principais instituições acadêmicas daquele país, Morse pôde emitir opiniões pouco ortodoxas em relação ao lugar da América Latina no mundo, com a segurança que sua formação e posição no campo lhe davam. Se seu interesse precoce pelo continente latino-americano e pela cultura ibero-americana o levou a escolher temas menos centrais ao debate historiográfico – em um país em que os principais historiadores se dedicavam a compreender a história daquele país como se fosse uma ilha –, isso também fez com que o autor construísse uma perspectiva de certo modo “interna” à própria América Latina, como se nota desde sua obra sobre São Paulo, buscando analisá-la em seus próprios termos. É, portanto, informada pela trajetória do autor que busco compreender seu livro, ou melhor, seus livros, como a construção de uma história cultural urbana de São Paulo. Uma história que partiu de elementos já trabalhados por outros historiadores (fossem eles cronistas, diletantes ou

acadêmicos), mas que, com ênfases e objetivos distintos, consagrou uma história da cidade que nos coloca questões até hoje.

A obra de Morse sobre São Paulo, que conhece três edições ao longo de pouco mais de quinze anos, entre 1954 e 1970, é encarada aqui como três livros que permitem flagrar não apenas as transformações dos pontos de vista do autor desde seu mestrado em 1947 sobre o século XVI paulista, mas, mais que isso, perceber um campo de problemas sobre as cidades latino-americanas que se constitui naqueles anos, sendo ela mesma entendida como parte constitutiva desse debate⁶⁰. Se esse trabalho multifacetado apresenta uma série de ideias e questões que falam de momentos da história urbana materializados em cada uma de suas edições, também é possível por meio dele compreender como diálogos se estabeleceram, leituras foram feitas e de que maneira, a partir dele, novas questões puderam surgir dentro dessa história.

Busco apresentar um comentário detido em torno daqueles que me pareceram ser os argumentos mais substantivos da edição de 1954, avaliando em que medida, na edição norte-americana em 1958, mas sobretudo na segunda edição brasileira em 1970, surgem outros pontos de vista, paralelos e não obrigatoriamente excludentes em relação à primeira edição, tomada aqui como base da análise. Por esse motivo, cada livro é lido não apenas em função das transformações formais ou de conteúdo, mas também do ponto de vista das intenções e eventuais diálogos que estabeleceu ao ser publicado, levando-se em conta a qual público se destinava, se a leitores brasileiros ou norte-americanos, e em qual contexto foi editado⁶¹.

O exame das três edições demandou expansões e afastamentos com vistas a entender as condições de produção das ideias ali defendidas e, mais que isso, o alcance delas dentro do campo intelectual em que autor e obra se inscrevem em cada um dos momentos. Tais distanciamentos e eventuais digressões, entretanto, buscaram sempre manter como ponto de fuga o

60. Deixo de lado a segunda edição em inglês que saiu pela Octagon Books de Nova York em 1974, com o mesmo título da edição de 1958, já que o texto publicado nessa ocasião apenas incluía os acréscimos feitos em português em 1970, não parecendo necessário incluí-lo na análise.

61. Roger Chartier, *A História Cultural: Entre Práticas e Representações*, 1990 (em especial, cap. 5, pp. 141-164).

trabalho de Morse sobre São Paulo. Se a obra foi fruto da formação do autor nos Estados Unidos e mesmo da relação daquele país com a América Latina, a tese ali defendida certamente também foi elaborada no embate direto com a constituição de um pensamento brasileiro por parte de intelectuais comprometidos com o estabelecimento da universidade, e mais que isso, da própria cultura brasileira. Minha hipótese central é que a tese que a obra de Morse sobre São Paulo contém (ou propõe, se reconhecemos seu potencial propositivo e não apenas prospectivo, mesmo sendo um livro de história urbana), só pôde ser forjada no contato com esses intelectuais brasileiros (e paulistas), eles também preocupados com a constituição de um olhar próprio para a compreensão do Brasil⁶².

Optei por analisar a obra por meio de três chaves de leitura que exploram vertentes da hipótese enunciada, caminhando pelas veredas abertas por seus argumentos, tendo a ambição de realizar um exame, se possível exaustivo, do conjunto da produção intelectual de Morse durante a realização de sua tese e sua publicação. Inicialmente, no primeiro capítulo, analiso a obra de Richard Morse sobre São Paulo pelo viés da história urbana, buscando apresentar seu movimento geral. Procuro, nas possíveis referências norte-americanas, a visão que embasa o modo de Morse fazer a história da cidade, notando também como, no contato com a historiografia paulista, essa perspectiva ganhou densidade e relevo. Em seguida, busco precisar o que essa obra tem a acrescentar como uma interpretação da história da evolução urbana da capital paulista, mostrando como as edições se valem das ideias já trabalhadas pelos historiadores brasileiros, algumas vezes esposando tais teorias e visões, em outras derivando dali novas e distintas interpretações.

No segundo capítulo, ao entrar na análise pela porta da história cultural⁶³, busco recuperar na obra sua especificidade em relação à compreensão da cidade no que diz respeito ao papel da cultura – e da literatura mais especialmente, tomada pelo autor como chave de acesso ao passado – no

62. Nesse sentido, posso afirmar que sua obra fala da cidade para os paulistas, mas fala também a partir dos paulistas, ou *com os paulistas*.

63. Maria Stella Martins Bresciani, “As Sete Portas da Cidade”, 1991.

meio urbano. Retomo elementos da formação norte-americana do autor, em plena Política de Boa Vizinhança e de constituição e estabelecimento do *new criticism*, para compreender escolhas e caminhos interpretativos que se dão a ver nas edições. Na sequência, busco estabelecer os desdobramentos de seus contatos em São Paulo, no momento de historicização do modernismo e de consolidação de um pensamento social brasileiro no interior da Universidade de São Paulo. Isso, do meu ponto de vista, o que teria possibilitado a Morse armar a história de São Paulo a partir de polos literários – romantismo e modernismo –, levando-o a reconhecer uma modernização, se não totalmente distinta, ao menos divergente da modernidade ocidental capitalista.

Por último, no terceiro capítulo, ao compreender a obra como uma peça no debate comunidade-metrópole, ou melhor dito, comunidade-sociedade, amplio o recorte temporal, voltando à formação da Escola de Chicago no início do século xx e avançando até a década de 1970, para recuperar o movimento geral das diversas edições e retomá-las em uma arena latino-americana de discussões, mostrando como tal debate extrapolava os limites disciplinares e rebatia em críticos da cultura que buscavam escrever a história da cidade sem perder de vista uma possibilidade de intervenção. Procuro demonstrar uma perspectiva latino-americana que se abre na trajetória de Morse, sobretudo a partir de sua atuação na Universidade de Yale nos anos 1960 e dali em diante, quando esse autor se torna um intelectual com trânsito nos diversos países do continente, exercendo cargos de decisão e ampliando seus interesses em análises comparativas de fôlego, tanto do ponto de vista espacial como temporal. Ao desempenhar um determinado papel nos anos 1950 e assumir outro um pouco distinto na década de 1970, busco evidenciar como a obra dialoga e se insere de modo particular naquele debate justamente por conta da compreensão “cultural” do artefato urbano. É essa perspectiva que permite a Morse forjar um novo olhar para a cidade de São Paulo e construir a partir dela o lugar da *metrópole latino-americana* na modernidade ocidental.

São três partes independentes que sobrepõem discussões e análises, e que têm a intenção de mirar o mesmo objeto por diversos ângulos – talvez inspirados no próprio autor analisado –, buscando rendimentos analíticos

nas múltiplas dimensões abordadas. Na conclusão, retomo a intenção de pensar uma história cultural urbana para a América Latina a partir da obra de Richard Morse sobre São Paulo. Nessa análise, quero chamar a atenção para o talento de Morse em aproximar visões diferentes, por vezes antagônicas, sem dissolvê-las ou reduzir suas especificidades, recolocando-as em outro patamar de discussão, dando a elas por vezes novo estatuto, por outras, consagrando perspectivas. Ao somar as perspectivas da história urbana, da história cultural e dos estudos sociais urbanos como entradas analíticas, proponho também, de certo modo, um caminho de entendimento para a própria história das cidades.

JÁ DISPONÍVEL

LIVRARIA VIRTUAL

www.edusp.com.br/loja

LIVRARIAS

www.edusp.com.br/livrarias

INFORMAÇÕES

Divulgação Edusp

divulga@usp.br

